

teatro

Latidos

O mais recente espetáculo do diretor e dramaturgo Julio Conte reúne mãe e filha num acerto de contas poucos dias após a morte do homem que as unia. Em 56 minutos de ação, *Latidos* coloca em cena Virgínia, a mãe, e Valentina, a filha. Virgínia lembra a difícil convivência com o marido e revela um desejo conflituoso em relação à maternidade. Já Valentina tem mágoas guardadas sobre a mãe e se interroga acerca do sumiço de seu cão. Tudo se passa durante um café da manhã.

O elenco é formado por Nora Prado (Virgínia), experiente atriz que integrou o Grupo Tear, da diretora Maria Helena Lopes, e passou 25 anos fora de Porto Alegre, período durante o qual participou de montagens da Cia. de Ópera Seca, de Gerald Thomas, e Catharina Conte (Valentina), que participou, entre outros trabalhos, do espetáculo solo *Como Sobreviver ao Fim do Mundo*.



Latidos é uma peça sobre a elaboração do luto e surgiu de uma necessidade pessoal do autor e diretor, que perdeu o pai e a mãe em um espaço de apenas três meses em 2015.

O espetáculo, que estreou no Porto Verão Alegre em janeiro deste ano, volta a cartaz em curta temporada na Sala Álvaro Moreira do Centro Municipal de Cultura (avenida Erico Veríssimo, 307). As sessões serão de 7 a 10 de junho, às 20h nos dias 7 e 8 e às 19h nos dias 9 e 10, e de 14 a 17 de junho, novamente às 20h nos dias 14 e 15 e às 19h nos dias 16 e 17. Ingressos no local.

filme

O Filho Uruguaio



Histórias com crianças geram filmes que geralmente escorregam para o melodrama. Não é o caso de *O Filho Uruguaio* (2016, direção de Olivier Peyon), drama (não melodrama) francês rodado no Uruguai que voltou a cartaz em março depois de ser apresentado com sucesso na edição de 2017 do Festival Varilux de Cinema.

O argumento bem que poderia render um dramalhão: Sylvie (Isabelle Carré) viaja até o Uruguai para resgatar o filho Felipe (Dylan Cortes) – sequestrado há quatro anos pelo pai, que acabou morrendo. Dada como morta pela família do ex-marido, a protagonista vê frustrada sua tentativa de sequestrar o garoto com o auxílio polêmico do assistente social Mehdi (Ramzy Bedia) e acaba provocando uma tormenta nas vidas da avó (Virginia Mendez) e da tia (Maria Dupláa), que vivem felizes na pequena cidade de Florida.

A atormentada Sylvie, entretanto, é o contrário do estereótipo de mãe dedicada: acima de tudo, quer o filho para si, independentemente da vontade

dele, que não compreende quem é aquela mulher, e do prejuízo que causará para as vidas de quem protege o menino. A tensão crescente é bem conduzida pelo diretor, que nunca cede a soluções simplistas e tampouco leva o filme ao limite do inverossímil. E, de quebra, tem as paisagens do Uruguai e seus tipos humanos peculiares.

O único senão é a tradução brasileira do título original – *Une vie ailleurs* poderia muito bem ser vertido como *Uma vida em outro lugar*, situação dúbia que tanto pode indicar a condição do filho quanto da mãe. Mas colocar um “uruguaio” no cartaz e ver as salas brasileiras lotadas deve ter sido uma tentação irresistível para o tradutor.